

HOMENAGEM

Roosevelt Riston Starling

Kellen Alves Carvalho¹, Marcos Roberto Garcia², Sílvia Cristiane Murari³,
Pedro Bordini Faleiros⁴, Heiny Harold Diesel⁵, Poliana Fernandes
Mesquita Sanches⁶ e Gabriel de Melo Kubiça⁷



“O que temos a oferecer é ciência, e ciência, funciona”. Esta é uma entre as tantas célebres frases do Professor Roosevelt que seguirão ecoando em toda a comunidade analítico-comportamental brasileira. Prof. Dr. Roosevelt Riston Starling, um nome nada comum que indicava as suas ascendências familiares - libanesa por parte da mãe, D. Elvira, e inglesa, por parte do pai, Sr. Rodolfo. Não era incomum que em seu aniversário Prof. Roosevelt recebesse cartões de felicitação muito afetuosos, contendo os melhores votos, destinados ao Dr. Ruz, Dr. Rui ou Dr. Rubens, o que sempre o divertia muito.

Professor Roosevelt nasceu no dia 29 de junho de 1949 em uma cidade pequena, Dom Silvério, no interior de Minas Gerais, mas logo sua família se mudou para Belo Horizonte, onde ele passou a maior parte de sua infância e juventude.

Um estudioso de mão cheia, Professor Roosevelt, ingressou em sua jornada no ensino superior pelo curso de Graduação em Física, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Sim, a precisão e o domínio com que ensinava as diversas temáticas relacionadas ao “projeto de estudo do comportamento como um fenômeno natural”, são resultado de uma jornada de estudos muito longa sobre as ciências naturais, que ele iniciara antes mesmo do estudo da Psicologia.

Professor Roosevelt concluiu a graduação em Psicologia na década de 80, na Pontifícia Universidade Católica (PUC-BH), e pouco depois deu início à sua carreira docente.

Em 1987 passou a fazer parte do quadro de professores da então Fundação de Ensino Superior de São João del-Rei (FUNREI), período em que participou

¹ Universidade de São Paulo (USP) e Centro Universitário Pres. Antônio Carlos (UNIPAC), Barbacena.

² Pontifícia Universidade Católica de Londrina (PUCPR) e Instituto de Psicologia e Análise do Comportamento (IPAC), Londrina.

³ Universidade Estadual de Londrina (UEL).

⁴ Instituto LAHMIEI-Autismo – Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

⁵ Instituto de Psicologia e Análise do Comportamento (IPAC), Londrina.

⁶ Universidade Estadual de Londrina (UEL).

⁷ Pontifícia Universidade Católica de Londrina (PUCPR).

ativamente da estruturação e da decorrente transformação desta instituição na atual Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Em 1995, obteve o título de mestre pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e, em 2010, titulou-se Doutor em Psicologia pela Universidade de São Paulo (USP).

Sua carreira profissional foi notavelmente diversificada e marcada por contribuições significativas em diferentes campos, destacando-se, desde o início, como um expoente da Análise do Comportamento no Brasil. Dedicou-se ao estudo e ensino dos princípios básicos e das aplicações práticas da ciência, que tanto ajudou a construir.

Para além de seu trabalho como acadêmico e pesquisador, notabilizou-se como consultor em empresas, aplicando seu rico conhecimento em comportamento humano e organizacional, como Analista Administrativo da Companhia de Saneamento de Minas Gerais (COPASA), ou ainda como consultor para a Organização das Nações Unidas e para a Organização Mundial da Saúde (UNO/WHO), entre os anos de 1985 e 1987. O trabalho na ONU foi um marco importante em sua carreira, uma vez que lhe proporcionou a oportunidade de aplicar suas legitimadas competências em um contexto global.

Sempre estive em consonância com os princípios fundamentais da ciência do comportamento: “se aplicarmos a nós mesmos o que ensina a nossa ciência, se construirmos um ambiente produtivo e reforçador, se as contingências forem de

fato favoráveis, como pensamos que são, se as discriminarmos e respondermos a elas adequadamente, provavelmente teremos sucesso” (Portal Comporte-se, 2013a – “Entrevistas Exclusivas”). Tendo na irreverência sua marca registrada, o professor concluiu “se não, então não” (Portal Comporte-se, 2013a – “Entrevistas Exclusivas”).

Até o ano de 2010, Dr. Roosevelt trabalhou como professor adjunto na Universidade Federal de São João del-Rei, e posteriormente dedicou-se à clínica particular e à docência em cursos de especialização e aperfeiçoamento, em diversas instituições e estados brasileiros. Seu encantamento pelo ensino e sua incomparável habilidade em ensinar, tornaram-no uma inspiração nos mais diversos ambientes nos quais ele se apresentava.

O seu comprometimento em capacitar e orientar profissionais em formação, somado ao vasto conhecimento sobre temas variados, o qualificaram como exímio orador, tendo contribuído para o ensino, aprimoramento e disseminação da ciência comportamental em todo o cenário nacional.

O legado deixado pelo Professor Roosevelt no campo da Análise do Comportamento é verdadeiramente inestimável. Sua contribuição não se limitou à sua atuação acadêmica, mas se estendeu à inspiração de uma geração inteira de profissionais e, como consequência, à ampla divulgação da Análise do Comportamento. Com um impressionante currículo de publicações,

ele deixou sua marca na comunidade analítico-comportamental.

Sua expertise o tornou um reconhecido conferencista, debatedor e docente em cursos e especializações, além de ministrar aulas em diversos estados do Brasil. Em diversas oportunidades, Professor Roosevelt lembrava aos seus ouvintes a importância fundamental do comportamento de estudar: “Pessoalmente, sou um estudante - esforçado! - da análise do comportamento, ou, mais precisamente, da Ciência do Comportamento”, afirmou em uma entrevista fornecida ao Centro Acadêmico de Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei (Starling, 2006).

Seu compromisso incansável em compartilhar conhecimento e sua habilidade em envolver e motivar seu público, fizeram dele uma figura inspiradora e estimada por todos que tiveram o privilégio de assistir a suas palestras e conviver com ele.

Tinha uma crença sólida de que a Análise do Comportamento desempenharia um papel fundamental na construção de um mundo melhor, com menos problemas e mais felicidade. Diante do relato despretensioso de um problema cotidiano, era comum ouvi-lo dizer: “a solução está na ciência: é ciência ou nada”. Sua convicção baseava-se na compreensão de que “não há razões para acreditarmos que os problemas para os quais ainda não encontramos solução sejam, por qualquer razão, de natureza diferente daqueles para os quais as soluções já foram encontradas” (Redepsi, 2006 - Artigos).

Seu legado nos lembra que, por meio da Análise do Comportamento, temos a oportunidade de desenvolver soluções e estratégias que possam criar um impacto positivo e duradouro em nossa sociedade. Que lembremos sempre de suas palavras sobre a quão fascinante e ousada pode ser a empreitada de estudar o comportamento humano, segundo as regras das ciências naturais. Ele se dizia fascinado pelos avanços que já foram alcançados nesta direção, mas, enfatizando o caráter cumulativo da ciência, se dizia ainda mais fascinado “pelos avanços que poderemos conseguir nos séculos que estão por vir” (Starling, 2013).

Professor Roosevelt desempenhou um papel essencial na consolidação e crescimento da Análise do Comportamento no Brasil, revelando-se um visionário ao reconhecer a necessidade de criar uma organização que unisse os analistas do comportamento e promovesse sua atuação de forma conjunta. Em uma carta produzida conjuntamente com os professores doutores João Cláudio Todorov e Martha Hübner, ele apresentou à comunidade analítico-comportamental as suas ideias sobre a criação de uma organização de profissionais – analistas do comportamento – que estabelecesse um espaço especificamente dedicado à promoção da ciência comportamental (Portal Comporte-se, 2013). Na carta, os autores expressaram suas preocupações em relação à falta de um espaço definido para a Análise do Comportamento e fizeram referência à criação da Federação Brasileira de Terapias Cognitivas (FBTC), como uma decisão acertada por parte dos colegas cognitivistas, destacando a

importância de uma "identidade inequívoca e uma representação própria". Inspirados por essa iniciativa, começou a ganhar contornos a criação de uma organização semelhante para os analistas do comportamento, que forneceria uma plataforma para o fortalecimento e defesa da análise do comportamento como uma ciência distinta.

Em meio a muitos esforços, em 28 de agosto de 2013, na cidade de São João del-Rei, foi fundada a Associação Brasileira de Análise do comportamento (ACBr):

Sabemos que hoje nós, os interessados na Ciência do Comportamento, somos bem mais do que aqueles poucos pioneiros, mas o fato é que não sabemos ao certo quantos somos, não conhecemos ao certo nosso peso, não conhecemos ao certo nosso potencial e, assim, não conhecemos também a que contingências deveríamos nos atentar, responder ou dispor para que possamos avançar na construção de um sólida representação analítico-comportamental no nosso país. (Portal Comporte-se, 2013b – “Entrevistas Exclusivas”).

O tempo mostrou que a visão e as propostas iniciais da associação foram acertadas e as ações que resultaram na fundação da ACBr foram uma demonstração clara da visão estratégica do Professor Roosevelt. Segundo os seus propositores, o objetivo da ACBr era, desde o seu início, “aproximar, ainda mais, os colegas da pesquisa básica, da clínica e das demais aplicações analítico-comportamentais, todos eles no bojo de uma associação integralmente voltada para o estudo, promoção e disseminação da matriz conceitual analítico-comportamental” (Portal Comporte-se, 2013b – “Entrevistas Exclusivas”)

A ACBr, no primeiro ano de sua existência, contava com poucos associados espalhados em diferentes estados brasileiros. Atualmente a associação tem mais de 1.800 associados, desde renomados professores eméritos até membros da comunidade interessados na ciência do comportamento. Uma das atividades mais importantes realizadas pela associação, idealizada pelo Professor Roosevelt, é o seu congresso bianual, evento idealizado pelos fundadores da ACBr. O primeiro Congresso da ACBr, em 2019, foi detalhadamente planejado por ele. O evento foi um grande sucesso, com mais de 400 profissionais inscritos, convidados nacionais e internacionais de diferentes áreas (pesquisadores, psiquiatras, terapeutas, psicólogos, geneticistas, etc.). O I Congresso da ACBr era a menina dos olhos dele, que conduziu a associação por vários anos, seja como presidente ou como membro da sua diretoria. Era atuante, enfático e por vezes passional quando se tratava de defender e divulgar a ciência do comportamento. Muitas foram as reuniões acaloradas entre a diretoria e o Professor! Além de fundador, ele era e sempre será um dos pilares da ACBr.

Ao refletirmos sobre a vida e trajetória do Professor Roosevelt, somos lembrados das palavras inspiradoras de B. F. Skinner: “Não considere nenhuma prática como imutável. Mude e esteja pronto a mudar novamente. Não aceite verdade eterna. Experimente” (Skinner, 2005/1948, p. 2). Sempre preocupado com a criação de consequências reforçadoras, certa vez disse: “na minha vida, luto para não sucumbir ao reforço negativo, me ocupo de

vencer os meus medos e lutar pelo bem que almejo, ao invés de lutar para evitar o mal que eventualmente eu temo”. Tomando-se como exemplo, concluiu: “Penso estar fazendo isso aqui, agora” (Portal Comporte-se, 2013a – “Entrevistas Exclusivas”).

Seu aprendizado contínuo, sua busca incansável por conhecimento e seu compromisso com a mudança são exemplos que nos tocam profundamente. Ao longo de sua carreira, ele demonstrou que a vida pode ser constantemente aprimorada e que não devemos aceitar verdades eternas. Essa é uma poderosa lembrança de que, por meio da disposição para mudar e da busca constante pelo conhecimento, podemos tornar nossas vidas e o mundo ao nosso redor muito melhor.

Professor Roosevelt era dono de uma coragem indescritível na defesa das suas posições e, sem dúvida, foi um homem extraordinário cuja ausência é e sempre será profundamente sentida. Seu exemplo nos ensina que cada resposta é uma oportunidade para aprendizado e crescimento. Suas palavras, notavelmente precisas, tinham o poder de transcender as barreiras do conhecimento, promovendo uma compreensão igualmente precisa daqueles que o ouviam. Um exemplo desta precisão pôde ser observado pelos congressistas, presentes no XII Encontro da ABPMC que ocorreu no ano de 2003 em Londrina. O Professor Roosevelt proferiu neste ano uma palestra sob o título: “Amor Bandido: a dor repetida vista através do Laboratório” (Starling, 2003). Logo no início de sua fala, ele já indicou a inadequação

contida na ideia de que o amor seria algo distinto de tudo que já foi estudado pela ciência do comportamento, denunciando a ingenuidade contida na afirmação de que o comportamento de amar seria, por alguma razão, incomensurável. Valendo-se de uma analogia, explicou que, assim como medir uma colher de açúcar não interferiria na doçura da substância contida na colher, não a tornaria mais ou menos doce, da mesma forma, medir as ações que chamamos de amor não desmereceria essas ações, não as tornaria mais ou menos amor; muito pelo contrário, aumentaria o nosso conhecimento sobre esse sentimento que nos é tão caro.

Quando questionado se um grande amor poderia ser esquecido por meio do condicionamento, a introdução da resposta do professor Roosevelt foi, como de costume, enfática: “Que pergunta fundamental! E que infelizes analistas do comportamento seríamos se não levássemos em conta justamente o amor?” (Redepsi, 2006 - Artigos). Dando sequência, valendo-se de outra analogia, comentou que da mesma forma que um físico compreende a força da gravidade, com todas as suas particularidades, e segue sendo afetado por ela, assim também um analista do comportamento poderá, em um futuro distante, compreender todas as relações operantes e respondentes que constituem o amor, sem, contudo, deixar de ser tocado por ele. “É minha firme convicção e esperança” – disse o Professor Roosevelt – “que, se este dia chegar, não nos tornaremos imunes ao amor” (Redepsi, 2006 - Artigos).

Prof. Roosevelt nos deixou no dia 30 de abril de 2023. Que sua trajetória nos inspire a viver a ciência do comportamento no nosso cotidiano, a modificar as contingências de nossos próprios caminhos, a construir novos repertórios e, assim como ele, a experimentar uma

existência plena em significado e sensível ao ambiente ao nosso redor.

Descanse em paz, Professor, e nossa gratidão por seus preciosos ensinamentos, que continuarão a nos orientar.

Referências

- Portal Comporte-se (2013a) Entrevista Exclusiva com Roosevelt Starling: A Criação da Associação Brasileira de Análise do Comportamento – ACBr. [S. l.]: Portal Comporte-se, 4 ago. 2013. <https://comportese.com/2013/08/04/entrevista-exclusiva-com-roosevelt-starling-a-criacao-da-associacao-brasileira-de-analise-do-comportamento-acbr/>.
- Portal Comporte-se (2013b) Sobre a polêmica da ACBr: estaria nascendo uma nova associação de Análise do Comportamento?. [S. l.]: Portal Comporte-se, 3 ago. 2013. <https://comportese.com/2013/08/03/sobre-a-polemica-da-acbr-estaria-nascendo-uma-nova-associacao-de-analise-do-comportamento/>.
- Skinner, B. F. (2005). Walden two. Hackett. (Original publicado em 1948).
- Starling, R. R. (2003, setembro). Amor Bandido: a dor repetida vista através do laboratório. [Conferência]. XII Encontro Brasileiro de Psicoterapia e Medicina Comportamental, Londrina.
- Redepsi (2006, 25 de janeiro) O que é Psicologia Comportamental – Roosevelt R. Starling: RedePsi, 25 jan. 2006. <https://www.redepsi.com.br/2006/01/25/o-que-psicologia-comportamental-roosevelt-r-starling/>.

Histórico do Artigo

Recebido: 06/12/2023.

1ª Decisão: 07/12/2023.

Aprovado: 10/12/2023

APA

Carvalho, K. A., Garcia, M. R., Murari, S. C., Faleiros, P. B., Diesel, H. H., Sanches, P. F. M., Kubiça, G. M. (2023). Homenagem ao Rosevelt Riston Starling. *Espectro - Revista Brasileira de Análise do Comportamento Aplicada ao Autismo*, 2(1), 39-44.

ABNT

CARVALHO, Kellen Alves; GARCIA, Marcos Roberto; MURARI, Silvia Cristiane; FALEIROS, Pedro Bordini; DIESEL, Heiny Harold; SANCHES, Poliana Fernandes Mesquita; KUBIÇA, Gabriel de Melo. Homenagem ao Rosevelt Riston Starling. **Espectro - Revista Brasileira de Análise do Comportamento Aplicada ao Autismo**, v.2, n.1, p. 39-44, dez. 2023.